



# Quilombos, racismo ambiental e formação em saúde e saúde mental: diálogos emergentes

## Kilombos, environmental racism and health training and mental health: emerging dialogues

**Regina Marques de Souza Oliveira**

 <http://orcid.org/0000-0003-3720-0922>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
marquesregina@uol.com.br

DOI: 10.22481/odeere.v5i10.6876

### RESUMO:

O artigo apresenta as relações entre os Povos dos Quilombos, a formação em saúde e o racismo ambiental, visto como uma face da segregação sócio espacial que é também racial. A partir da noção sobre a importância dos Quilombos para a fundação das cidades brasileiras é preciso a superação do racismo na sociedade e nos modos de pensar e produzir ciência e formação em saúde e saúde mental que deve considerar necessariamente os ensinamentos e conhecimentos dos Povos Quilombolas. O objetivo deste artigo é apresentar de modo reflexivo estas correlações. A base metodológica do texto são as epistemologias do campo da saúde mental - psicologia - e relações étnicas que convergem para a abordagem geral do texto e análises apresentadas.

**Palavras-chave:** saúde, quilombos, racismo, segregação racial, ciência.

### ABSTRACT:

The article presents the relations between the Quilombo People, health education and environmental racism, seen as a face of socio-spatial segregation that is also racial. Based on the notion of the importance of Quilombos for the foundation of Brazilian cities, it is necessary to overcome racism in society and in the ways of thinking and producing science and training in health and mental health, which must necessarily consider the teachings and knowledge of Quilombola Peoples. The purpose of this article is to reflectively present these correlations. The methodological basis of the text is the epistemologies of the mental health field - psychology - and ethnic relations that converge to the general approach of the text and the analyzes presented.

**Keywords:** health, quilombos, racism, racial segregation, science.

Falar em quilombos na contemporaneidade é fundamental, pois eles são fundadores das cidades; no entanto, os estudos da sociologia urbana e história das cidades brasileiras negam a existência dos quilombos durante a fundação.

A população quilombola ocupa a cidade no contra fluxo da legalidade que a cidade se coloca. Os quilombolas ou populações dos quilombos vão ocupar a cidade fora da lei, à margem. O urbanismo, a cidade, não se inscreve como um território para eles. Seriam eles, os quilombolas, pessoas sem visibilidade em princípio. E sobretudo, seres sem cidadania.

Nesta circunstância seu movimento na cidade é negado, sua territorialidade esquecida, isolada, periférica, e os recursos em saúde e educação são ausentes por parte do poder público. A não cidadania é o protótipo do racismo ambiental, que o circunscreve nos limites do não acesso ao desenvolvimento em seu sentido pleno. O racismo ambiental é caracterizado pela extrema desigualdade no acesso aos bens sociais que o meio ambiente construído deve proporcionar aos habitantes das cidades: moradia digna, renda e trabalho, saneamento básico, saúde, educação, lazer, enfim bem estar geral.

Deste modo, considerando saúde como bem estar pleno no sentido do desenvolvimento dos sujeitos, os quilombos e sua população necessitam de abordagens em saúde que considerem seus modos de vida, os impactos e violências que esses territórios sofrem e os modos como se organizam.

Estes fatores são importantes para pensar a formação dos profissionais de saúde e saúde mental a partir da consciência da origem destes povos e os sofrimentos, violências, injustiças e desigualdades que os atravessam. Este é o objetivo que pretendemos dialogar e refletir neste artigo.

Em geral os quilombos, por sua constituição altamente organizada em termos estratégicos e proximidades de áreas ambientais ricas em recursos hídricos, extensão para cultivos agrícolas e desenvolvimento de pecuária e subsolo com fontes de minérios que representam riquezas em matérias primas importantes para a economia global, estão sob a mira de grandes especuladores do capital privado, que com o apoio e omissão dos governos sofrem racismo ambiental expressivo. Pois além do difícil acesso a dignidade e bem estar geral conforme mencionado acima, sofrem o constante risco de serem expropriados de suas terras, propriedades e territórios.

A negação da visibilidade, importância e contribuições das economias dos quilombos a partir do conhecimento que estas populações desenvolveram ao longo da história das cidades brasileiras, as coloca em extrema vulnerabilidade. Pois este sistema de violência favorece que muitos se retirem de suas comunidades para a obter estudo, trabalho e acesso a equipamentos de saúde.

Também ocorre que em muitas áreas quilombolas há a cooptação de seus recursos hídricos, impedindo-os de bem gerenciarem suas necessidades de abastecimento agrícola e manutenção de suas atividades cotidianas. Isto aconteceu no Quilombo Lagoa Grande em Feira de Santa, na Bahia.

A Grande Lagoa que dá origem ao nome do quilombo, atualmente é um elemento da paisagem geográfica do lugar que não é mais visível nas demarcações deste território. Houve o desvio das águas da Lagoa Grande para outras áreas do entorno da cidade de Feira de Santana. Latifundiários e agricultores brancos da região promoveram o encanamento das fontes da região antes de sua formal titulação pela Fundação Palmares entre os anos de 2012 e 2013. Tornando precário o acesso da população quilombola a sua propriedade historicamente demarcada<sup>1</sup>.

Esta violência e apropriação dos bens pertencentes aos territórios quilombolas é um tipo de racismo ambiental que retira destas populações suas riquezas e recursos para a dignidade da vida, da saúde e do trabalho. Isolando-as e obrigando a população a buscar recursos fora da comunidade para sobreviver.

Assim se formam os territórios periféricos das cidades, como aglomerados urbanos sem saneamento básico, sem equipamentos sociais de saúde e educação e ausência de serviços e postos de trabalho.

O racismo ambiental inscreve-se também na exposição das pessoas – o povo do quilombo – as áreas de descarte e lixo tóxico.

Conforme Benjamim Chavis Junior, líder negro pelos direitos civis, a partir de suas investigações sobre resíduos tóxicos e população negra norte americana cunhou o termo em 1981:

Racismo ambiental é a discriminação racial no direcionamento

---

<sup>1</sup> Relatos de lideranças quilombolas de Feira de Santana/BA, durante aulas no Curso de Formação em Educação Escolar Quilombola promovido pela SECADI/MEC, - Secretaria de Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação, através da UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em 2014/2015.

deliberado de comunidades étnicas e minoritárias para exposição a locais e instalações de resíduos tóxicos e perigosos, juntamente com a exclusão sistemática de minorias na formulação, aplicação e remediação de políticas ambientais<sup>2</sup>.

O racismo ambiental em nossa realidade territorial sobre quilombos não é apenas o considerado acima. Ele é ainda mais profundo, porque na medida em que os quilombos foram movimentos de emancipação urbana, negação do regime da colônia, e autonomia dos sujeitos – busca pela liberdade; não apenas de seus corpos escravizados, mas com narrativas políticas de transformação social. Palmares foi um exemplo temido de República, que congregava a convivência igualitária entre pessoas e etnias diferentes. Fortalecia a presença e participação das mulheres na organização social, nos aspectos decisórios e protegia as crianças em suas necessidades de apoio coletivo e comunitário para além da responsabilidade de seus pais. Os quilombos instituíram um tipo de democratização do espaço, através dos princípios civilizatórios de África, fizeram surgir e fundaram as primeiras vilas, povoados e cidades. Hoje, estas vilas levam seus nomes, embora a historiografia escrita – restritiva – dos estudiosos não negros, sempre reservem aos quilombos o lugar da invisibilidade na abordagem sobre cidades.

O racismo ambiental também é a negação dos corpos negros e quilombolas no espaço da cidade, que na contemporaneidade apenas recentemente adquiriram iluminação pública, postos de saúde, escolas. Com serviços públicos muito aquém de suas necessidades.

Além disso, o racismo ambiental nega o acesso à saúde e desqualifica as tradições presentes nos espaços da diáspora como o sacerdócio das parteiras, rezadeiras, raizeras, e os terreiros de candomblé que eram perseguidos pela polícia e pela imprensa.

Nas três primeiras décadas do século XX o entra e sai dos terreiros tinham que ser super organizados para não chamar a atenção da polícia e da imprensa. Muitas casas de candomblé foram fundar suas casas longe das áreas urbanas, pois assim não precisariam incomodar as elites e as primeiras damas das cidades. Sob

---

<sup>2</sup> RIBEIRO, Stephanie. Racismo ambiental: o que é importante saber sobre o assunto. Portal Géledés, 15/10/2019. Acessado em: 07/06/2020.

tal perspectiva os quilombos, fundadores de cidades, foram se deslocando, perdendo sua população para outros territórios distantes do desenvolvimento que ajudaram a promover nas vilas e povoados, sendo-lhes reservado sempre o pioneirismo de desbravar novos lugares e paisagens<sup>3</sup>.

Nestes pioneirismos, os quilombos no território brasileiro representam as formas de resistências, integração e cuidado com o meio ambiente. Quilombolas, indígenas e brancos pobres, despossuídos do gerenciamento da terra protagonizam novos modos de viver e produzir a partir de uma economia que está intimamente relacionada com o bem estar de si mesmo, da vida comunitária, a garantia de participação das mulheres e crianças, assim como o respeito e valorização da vida em profunda harmonia com o meio ambiente. As populações dos quilombos sabem usufruir da terra e da natureza, e dominavam também, como eram os que diretamente cuidavam da terra e das formas produtivas de sobrevivência, a preservação da terra e gerenciamento do bem estar do território – espaço e lugar - que habitavam.

No entanto, o racismo ambiental, é resultado de como o protagonismo destes povos foi historicamente violado a partir dos massacres europeus e os desígnios capitalistas de acúmulos de bens, dinheiro e domínio da propriedade da terra.

Os quilombos se organizam a partir de uma economia da existência e bem estar qualitativo do conjunto comunitário de sua população. Os povos quilombolas estão em profunda harmonia com a natureza e desenvolvimento de tecnologias que inovavam a captação de água, organização de cisternas, habitações criativas a partir do uso de recursos da terra, formas de alimentação e armazenamento de alimentos para épocas de escassez, secas e chuvas. Pungentes em suas criações e sustentabilidade da vida em integração e preservação da natureza, eles foram maltratados, sofreram (sofrem) massacres e violências que os colocam em posição de extermínio e genocídio de seus corpos, descendentes e saberes: destruição de seus conhecimentos, formas de vida e civilização. Além da constante perda – roubo - de suas fronteiras a partir de

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Reinaldo José de. Novos e antigos cenários da segregação e das desigualdades da população negra em São Paulo. In: Veras, Maura Pardini, Bicudo (Org.). Desigualdades Urbanas, segregação e alteridade em cidades brasileiras. Jundiaí, Paco Editorial, 2018, p. 189-210.

legislações que menosprezam o valor e o legítimo pertencimento destes povos nas áreas por eles cultivadas, cuidadas e habitadas.

Empreendimentos capitalistas, contrários a cosmovisão dos povos quilombolas, roubam suas terras, saqueiam suas casas e as destroem, violentam as mulheres e humilham jovens e homens negros, indígenas e pobres. Estas violências representam a barbárie que cria o racismo ambiental, que é a negação do acesso ao meio ambiente de forma integrada ecologicamente.

Ao desprezar a vida, o racismo ambiental se desenvolve nas sociedades contemporâneas no mundo inteiro. Os povos quilombolas possuem conhecimentos e estão sujeitos ao racismo ambiental, considerando que sofrem extremas violências para poder permanecer em seus territórios e fronteiras, usufruindo de seus conhecimentos e formas de vida.

No mundo, as periferias seriam o correspondente destino territorial das populações negras, indígenas e de brancos pobres. Pois ao sofrerem a violência e barbárie por parte de uma prevalência do poder europeu e branco que usurpam suas fronteiras, torna-se o destino do povo quilombola.

O racismo ambiental, embora seja presente em todos os territórios do mundo, seus impactos e efeitos ocorrem nas áreas periféricas das cidades; e por tal características, os povos quilombolas, expulsos e violados de suas terras, acabam se deslocando para zonas periféricas das metrópoles urbanas. (os estudos em sociologia urbana e populações negras referem-se especificamente à “grandes metrópoles urbanas”. Podemos deixar simplesmente metrópoles urbanas. No entanto, embora não especificado, é o representativo da produção do campo. Enfim, não é uma alteração que acarreta prejuízo no conteúdo e entendimento do texto. Porém é representativo dos autores do campo dos estudos entre território, sociologia urbana e populações negras).

Nesta perspectiva, o racismo ambiental promove deficiências em todos os campos da vida social e humana, sobretudo na saúde, que torna-se escassa e muitas vezes impossível. Com insalubridades extremas, os índices epidemiológicos de adoecimento produzem crises sanitárias que levam a morte milhares e milhares de crianças, jovens, adultos e idosos destes territórios segregados – periferias - da cidade metrópole.

Profissionais de saúde e gestores em saúde, pouco se dedicam a observar a

peculiaridade desta historicidade dos quilombos e a produção da segregação sócio espacial responsável pelo racismo ambiental.

Como intervir em saúde e ampliar as dimensões do Sistema Único de Saúde e do Sistema Único de Assistência Social a partir das ações dos profissionais de saúde e saúde mental? É possível a partir da consciência da origem destes povos e os sofrimentos, violências, injustiças e desigualdades que os atravessam, pensar um modelo formativo para os campos interdisciplinares em saúde? Entre médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas, entre outros?

A fim de respondermos tais perguntas nosso objetivo geral neste estudo é apresentar reflexões sobre o movimento dos povos quilombolas no território brasileiro, discutindo desigualdades, políticas e cidadania ausentes para as populações periféricas de territórios segregados da cidade, observando os impactos atuais na saúde e saúde mental destas populações. A observação deste quadro apresenta-se imbricado com a formação do profissional de saúde e saúde mental no contexto da legislação brasileira.

### **Quilombos: segregação sócio espacial x segregação racial**

Os quilombos no Brasil constituíram-se como territórios conquistados por africanos e afro-brasileiros escravizados, que resistentes a estas circunstâncias, organizaram-se em grupos para protagonizar suas liberdades.

O Brasil constitui-se como um conjunto de quilombos, grandes e pequenos. Foi um fenômeno constante que deu nome às cidades, vilas, povoados, fazendas, serras, rios, ou simples acidentes geográficos. O fenômeno demonstra a importância social e a necessária consciência histórica para o território brasileiro e sua cartografia. Apesar disto, sociólogos, historiadores e antropólogos, pouco se dedicam a observar com atenção os fatos referentes a esta estrutura social e territorial<sup>4</sup>. Na atualidade do século XXI no Brasil, a expansão destes conhecimentos sobre o tema vem crescendo. Porém o diálogo interseccional com outros campos do conhecimento é ainda escasso, considerando que o território brasileiro foi ocupado principalmente por aglomerações quilombolas, determinando formas e hábitos de vida, políticas de ocupação que formam a territorialidade brasileira.

---

<sup>4</sup>MOURA, Clovis. Os quilombos e a rebelião negra. São Paulo SP:, Brasiliense, 1987, p. 16 - 17.



Necessitando por isso a compreensão ampla da importância do campo para várias áreas do saber e principalmente o universo das políticas públicas e as imbricações com a saúde.

Todo profissional de saúde necessita saber que o Brasil foi densamente povoado por territórios quilombolas. Estes constituíram os modos de viver das pessoas comuns - negros, africanos, índios e brancos pobres – não proprietários de terras e não pertencentes às elites ou nobreza.

O mapa dos quilombos baianos revela que várias cidades do Recôncavo, proximidades de Salvador e todo litoral do estado e Sertão da Bahia, eram tomados por quilombos. As cidades de Jaguaripe, Maragogipe, Cachoeira, Xique-Xique, Muritiba, entre outras, são territórios que primeiramente constituíram-se como Quilombos<sup>5</sup>. Igualmente, no estado de São Paulo os bairros paulistanos como Jabaquara, Pinheiros e Liberdade, constituíram-se primeiramente como territórios quilombolas. As cidades paulistas de Santos, Moji - Guaçu, Campinas, Piracicaba, Atibaia, Jundiá e Itapetininga, por exemplo, eram territórios quilombolas<sup>6</sup>. No caso do bairro Liberdade, na capital paulista, hoje considerado um bairro tradicional da colônia japonesa na cidade, é também, um território negro, uma rota para o Quilombo do Jabaquara. A região foi denominada Liberdade porque além de ser rota de fuga para o quilombo do Jabaquara, paravam ali, na região, no Quilombo da Liberdade. Os escravizados “rebeldes”, eram escondidos por irmãos negros forros, na Igreja das Almas e na Igreja da Boa Morte, as quais até hoje encontram-se nesta localidade, que era rota de escravizados negros. Ali constituía-se o Pelourinho e a Irmandade dos Remédios na Rua da Liberdade<sup>7</sup>.

Naquele entorno e imediações estava situada a igreja da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Esta igreja foi construída pela população negra, tendo ao seu redor o cemitério da irmandade, horta, pomar, fonte de água potável e pequenas casas construídas por africanos livres ou afro-brasileiros alforriados que promoviam um emergente comércio de gêneros alimentícios - quitandas com frutas, quitutes, bolos, café, legumes, que serviam de renda de

---

<sup>5</sup> MOURA, Clovis. Os Quilombos e a rebelião negra. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 25 - 26.

<sup>6</sup> Ibidem, p.29.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Reinaldo José de. Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela. Tese de Doutorado em Ciências Sociais-PUC/SP, p. 153-154.



subsistência e para ajudar a comprar a alforria de outros irmãos negros. As casas ao redor da igreja também eram por vezes alugadas para brancos pobres ou irmãos negros para moradia ou pequeno comércio no centro da cidade<sup>8</sup>.

A presença negra, através dos Quilombos na região central da capital de São Paulo, pouco é lembrada. Na verdade, é negada e não reconhecida, porquanto que a capital paulista é lembrada como a capital da pizza a partir da imigração italiana, a expressão japonesa no bairro da Liberdade e no interior paulista, bem como espanhóis e portugueses. Embora o destaque étnico seja para o italiano.

Nesta imbricação, entre os territórios quilombolas e as cidades brasileiras da Bahia e São Paulo, observamos que nestes quilombos – emergentes cidades que surgiram nestas localidades, há concentração de pessoas, populações negras e não negras que subsistem nestes espaços.

Nos quilombos havia uma economia de organização social. Ao mesmo tempo que o desenvolvimento tecnológico sempre foi presente.

As casas de farinha, a produção de alimentos hortifrúti e granjeiros, o cultivo da pecuária de animais – rebanhos de ovinos, caprinos, bovinos. Havia também o desenvolvimento de alimentos procedentes das matérias primas cultivadas: biscoitos, pães, queijos, doces, carnes de sol, peixes desidratados, linguiças artesanais, enfim.

A tecnologia na saúde também era presente no cuidado com a alimentação, no uso de ervas e raízes para os males físicos, com emplastos, vaporização de odores, banhos, defumação e chás.

As parteiras, também eram as que detinham e transmitiam a técnica do parto. Observando e acompanhando as gestantes, com recomendações pré-natal e pós natal, favorecendo o fortalecimento da família, da relação mãe bebê e comunidade.

Nos quilombos os filhos das mães eram também sempre os filhos das parteiras. Na tradição quilombola, as parteiras são chamadas de mães pelas crianças que elas auxiliam as mães a darem à luz. E elas continuam cuidando do bem estar destes filhos e de todos os filhos do quilombo, das comunidades. E as

---

<sup>8</sup> Ibidem. P.158 – 160.

crianças, quando adultas, continuam reverenciando as suas mães parteiras até morrerem. Isto demonstra o fio civilizatório de África, no qual, conforme Hampatê Bâ, algumas matrizes encontram-se presentificadas na vida e etnicidade do quilombo, como a reverência e respeito ao ancestral, a importância ao sagrado materno e o valor da vida e bem estar comunitário<sup>9</sup>.

Os cânticos e festas são tradições orais que transmitem poesia, narrativas que contam a resistência e superação das dificuldades do povo preto, povo indígena e povo pobre do quilombo. Traduzindo as receitas de vitórias e as alegrias das conquistas diante dos desafios da vida e da existência.

No mesmo sentido, os povos de tradição europeia têm também na tradição oral seus símbolos civilizatórios. O *Ilíada* e a *Odisseia* são exemplos de tradição oral europeia que permaneceu no tempo e traduzem os enredos de vida daqueles povos.

O quilombo fideliza a representação humana e civilizatória de africanos, indígenas e população que se abrigou no aconchego do quilombo.

As rezas, os cânticos, as histórias, as danças, as formas de preparar os alimentos e cultivar a terra, os calendários das festas, bebidas e bolos trazem parte deste processo civilizacional negro indígena e, ao mesmo tempo, as formas de cultivar a saúde em seu sentido pleno.

A tradição quilombola e a saúde plena e integral física e psíquica mantém o bem estar comunitário através da harmonia entre natureza e meio ambiente humano. Não há contradição na civilização que se apresenta nos quilombos e indígenas e os passos de desenvolvimento tecnológico em saúde e economia de vida que se organizam nestas territorialidades.

Na tradição dos quilombos, o papel das mulheres é tido como fundamental na economia de vida destes povos. Ela desenvolve a saúde física e saúde mental das crianças, jovens, adultos e velhos da comunidade. Desenvolvem a habilidade do cultivo das ervas, chás, conhecimentos que aplacarão a dor, os sofrimentos, curarão o mal.

As mulheres quilombolas – negras e indígenas – sabem prescrever os

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância: saúde mental da população negra e indígena. In: Oliveira, R.M.S (Org.) Cenários da saúde da população negra no Brasil: diálogos e pesquisas, Cruz das Almas, EDUFRRB, 2016, p. 25 – 66.

remédios para os males. São capazes, como os sábios, de ouvir e escutar as dores, dar conselhos, acompanhar o sofrimento psíquico e organizar a ajuda familiar e comunitária para que a saúde de um membro psicologicamente afetado se restabeleça.

O adoecimento psíquico nos quilombos tem sido frequentes e, cada vez mais preocupantes, considerando os ataques que sua população vem sofrendo ao longo dos séculos. A desapropriação de suas terras, a desvalorização de sua identidade étnica, a sua precariedade para plantar, cultivar animais e desenvolver produtos advindos de seus conhecimentos com a existência em harmonia com a natureza produz o “enlouquecimento” de muitos de seus membros, que acabam por manifestar comportamentos de alheamento a comunidade, ansiedades de todos os tipos e sentimentos de humilhação e persecutoriedades provocadas pelas populações distintas à população do quilombo.<sup>10</sup>

Jovens adolescentes, também impactados pelas violências racistas de desprezo a população quilombola no cenário das cidades brasileiras, apresentam sintomas de depressão, dificuldades de entrosamento familiar e muita tristeza, pois até mesmo no ambiente escolar, sofrem violências psíquicas (insultos, verbalizações inadequadas por parte de professores, gestores e alunos não quilombolas) e físicas (brigas provocadas a partir de insultos verbais que declinam em ataques físicos, violência policial, etc.).

Em muitos territórios atuais de quilombos não há escolas e as crianças e jovens precisam se deslocar quilômetros a pé, muitas vezes, para cursarem o ensino fundamental e médio. Insultos do tipo “feios”, “sujos”, “escravo fujão”, adentram o psiquismo das crianças que, ao saírem de suas comunidades, passam a encontrar ambiente hostil e muito distinto do que viveram até então em suas comunidades originárias<sup>11</sup>.

Estes elementos que adentram o quilombo são significativos fatores de adoecimento físico e psíquico que mobilizam a população do quilombo a buscar apoios nas redes de saúde pública. No entanto, estes equipamentos e profissionais não estão aparelhados instrumentalmente e tecnicamente para o

---

<sup>10</sup> Relatos de professores do Curso de Formação em Educação Escolar Quilombola promovido pela SECADI/MEC – Secretaria de Alfabetização, Diversidade e Exclusão do Ministério da Educação e Cultura com a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em 2014/2015.

<sup>11</sup> Ibidem.

desenvolvimento de ações com populações negras e indígenas.

Observa-se que a segregação sócio espacial está condicionada a segregação racial, pois os problemas de acesso a cidadania, como a ida a escola, traduzem conflitos e tensões presentes nas formas de violência física e psíquica que os povos dos quilombos, crianças e jovens, vivem precocemente.

Esta segregação sócio espacial e segregação racial é impacto terrível para a sociedade pois as contribuições da civilização negra africana, da qual os quilombos se originaram, divergem dos modos como a sociedade branca do ocidente se organiza. E as formas de violências psíquicas e emocionais – representadas pelos xingamentos ilustrados – dizem sobre isto.

### **Os mitos e memórias civilizatórias: alteridades e o reducionismos e “ciência”**

Nos ambientes prevalentes de civilização branca europeia observamos o desprezo ao valor comunitário, as guerras e conquistas a partir da figura do herói único, que por força e prodígios especiais, vence as guerras e se torna o senhor de um povo. A trajetória de Ulisses para chegar a ilha de Itaca, revela o percurso do herói individual, aquele que apresenta desprezo pela comunidade. Ulisses quer chegar a Itaca. Precisa atravessar o mar. Sabe dos perigos que isto implica. E diante disto chefia seus marinheiros para que o amarrem nos mastros a fim de que não possa sair para ir ao encontro do canto e voz das sereias do mar. Ele atribui ainda que seus marinheiros tapem seus ouvidos com cera a fim de que seu percurso seja tranquilo até a chegada a ilha.

Esta oralidade transmitida ao ocidente significa que Ulisses ao chegar em Itaca não agradece seus marujos que diligentemente permitiram a vitória de todos e também de Ulisses na travessia do mar assustador.

Nem tampouco seus marujos são recebidos como heróis. Apenas Ulisses, ou Odisseu – seu outro nome – é reverenciado como herói.

O que isto significa? Que o mito do ocidente se concentra no egoísmo de apenas um vitorioso. O uno é exaltado. A comunidade pouco considera o conjunto, o coletivo. Apenas Ulisses pode e deve ser exaltado. O signo da exclusão e do privilégio é o que constitui a civilização do ocidente a partir desta narrativa oral.

Podemos refletir: para uma civilização que considera o uno o valor maior a

ser saudado, a barbárie pode ser considerada como natural.

Em geral é o que vemos: a barbárie totalmente naturalizada em pleno século 21. Pois os povos do ocidente inscrevem o poder econômico acima e sobre todas as outras possibilidades de valores não totalmente materializados.

Quando um pretendente a líder máximo de uma democracia nas Américas discursa em campanha eleitoral a um público historicamente marcado pelo racismo de inferioridade humana dizendo que quilombolas são gordos, não fazem nada e por isso pesam mais que 7 arrobas, comparando-os a gado e que não servem nem para procriar, fica evidente a naturalização da barbárie que não choca nem ao menos aqueles descendentes de antepassados que foram racializados no holocausto da segunda grande guerra mundial. A fala pré-campanha presidencial foi proferida no clube "A Hebraica" no Rio de Janeiro<sup>12</sup>.

Após um pouco mais de dois anos, as acusações e ofensas que o povo indígena e quilombolas sofreram gratuitamente, foram arquivadas pelas autoridades do poder judiciário e o palestrante foi absolvido de qualquer responsabilidade e prejuízo moral e psíquico à sociedade brasileira, mundial e principalmente às comunidades indígena e quilombola<sup>13</sup>.

Evidente está que o mundo transita por processos que desqualificam a humanidade de outras culturas, civilizações e povos que não são brancos e europeus.

Também foi desconcertante no início deste século, durante a guerra dos EUA contra o Iraque os noticiários do mundo inteiro apresentarem o enforcamento do corpo do ditador Saddam Hussein e a invasão do exército americano nas dependências do palácio iraquiano saqueando absolutamente tudo. Em frente ao palácio do ditador haviam as ruínas da Babilônia, civilização da Mesopotâmia que contribuiu muito para o desenvolvimento do mundo. No entanto, o exército norte americano não poupou as ruínas para preservar a história das civilizações humanas, em seus valores diferentes do Ocidente.

Se no século XIX os ingleses e alemães levaram parte das relíquias do Império da Babilônia para expor em seus ricos e suntuosos museus – saque de riquezas que

---

<sup>12</sup> Jornal Metro 1 – Política - Bolsonaro critica gasto federal com indígenas e diz que quilombolas 'não fazem nada'. Em 05 de abril de 2017. Acessado em: 23/05/2020.

<sup>13</sup> O Globo – 07/06/2019 – Processo é encerrado e Bolsonaro é absolvido em acusação de discriminar quilombolas. Acessado em: 25/05/2020.

não lhes pertenciam<sup>14</sup> – o pré-candidato à presidência da República, nas Américas no Brasil também considera natural retirar indígenas e quilombolas de seus territórios cujo subsolo, ele diz, é repleto de riquezas como ouro e diamantes.

Saddan Hussein foi, sem dúvida, um cruel ditador. Porém é certo que ingleses no British Museum tem expostos mais de 30 mil peças pertencentes as ruínas babilônicas, assim como os alemães possuem no Museu Pergamon em Berlim o Portão de Ishtar, reconstruído com tijolos originais de 575 a.C. Quais os lucros que alemães e ingleses auferem para si, de um tesouro que não lhes pertence? Pois são relíquias pertencentes ao território iraquiano, à civilização nascente dos rios Eufrates e Tigre na Mesopotâmia. Relíquias da civilização histórica para o mundo.

As manifestações de valores civilizacionais pautados no poder financeiro e no trato violento com as populações humanas que possuem conhecimentos e patrimônios distintos do ocidente são desqualificadas em sua respeitabilidade, sendo violadas em seus direitos e em geral saqueadas suas riquezas materiais e culturais.

As ameaças e as guerras fazem parte do enredo do ocidente no sentido do líder que segue à frente e menospreza os outros heróis. Assim é Ulisses ou Odisseu. Ser único e individualista. Ele é feliz em governar e vencer sozinho, “sem a ajuda de ninguém”.

No percurso da tradição quilombola, negra e indígena, a figura do herói é de certo modo inexistente. A vitória é compartilhada, saudada como feito de todos. Divide-se o alimento, come-se, trabalha-se e dorme-se dentro de um mesmo teto porquê pisa-se o mesmo chão. A “Casa Mãe Natureza”, o contato com a vida, a existência material e o sagrado.

Os terreiros de candomblé na Bahia apresentam estas composições; nas quais a vida de todos importa, o bem estar de todos importa e o alimento da vida reverencia a todos.

Vidas negras importam<sup>15</sup>, respirar é possibilidade buscada em todas as ações

---

<sup>14</sup> BBC News – 29/05/2018 – A ‘Disneylândia’ de Saddam – como ditadores exploram ruínas históricas. Acessado em: 20/05/2020.

<sup>15</sup> O movimento negro no Brasil e no mundo vem protagonizando marchas para conscientizar os estados nacionais a promoverem a atenção e acesso a direitos de igualdade entre brancos e negros, principalmente denunciando o genocídio promovido pelos mecanismos sociais de extermínio e violência policial. Nos EUA, várias vítimas fatais de violência policial antes de morrerem

do cotidiano dos quilombos: por isso marcharam pela liberdade. Não apenas para livrarem-se da escravização imposta, mas para criar um mundo novo, transformado por outra cosmovisão de mundo. Princípios negros e africanos que os quilombos protagonizam na figura dos heróis que se constroem pelas mãos de todos. Vários corpos, em um só corpo.

As manifestações que acometem o mundo sobre as violências que ceifam precocemente a vida de pessoas negras a partir do racismo estrutural das sociedades do ocidente revelam a insatisfação com os desígnios da vida em uma sociedade que não considera as formas organizacionais e ensinamentos dos quilombos e seus povos.

A divisão do saber, do fruto do trabalho, o benefício que se estende a todos os que na terra – “Casa Mãe de Todos” – habitam e servem.

Neste sentido o terreiro de Candomblé acaba por se materializar, em certo sentido, como a transfiguração de um Quilombo em seus primórdios civilizatórios.

A direção da Casa trouxe espontaneamente a capacidade da população aprender com “Mãe Nilza”. A professora Nilza ensinou nas escolas de Santo Antônio de Jesus. E a “Mãe Nilza”, mãe de todos, ensinava e ensina a plantar a roça: os legumes, os pés de frutos, as verduras, o milho, o feijão, o amendoim, a laranja. Ensinava a criar os animais e também a bordar, pintar, costurar, cozinhar e fazer comidas de santo: o acarajé, o abará, enfim. Os ofícios que muitos daqueles que frequentaram e frequentam o terreiro, em busca de desenvolvimento, inclusive aqueles que formalmente se vinculam as religiões evangélicas, passaram a tirar o seu sustento material das atividades e aprendizagens promovidas pelo povo do terreiro da Baixa do Morro, Ilê Axé Yepandá Odé<sup>16</sup>.

O terreiro em sua cosmovisão ancestral observa o valor da unidade da natureza para com todos os seus membros. Todos podem estar juntos, aprendendo e

---

disseram “eu não posso respirar”, estas palavras, tornaram-se gritos de revoltas na sociedade americana e mundial.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Psicologia, identidade e memória: comunidade terreiro Ilê Axé Yepanda Odé. In: quilombos, saúde mental, psicologias e outras visões. Cruz das Almas, EDUFRRB, 2019, p.155.



compartilhando ensinamentos. A hierarquia é existente, o ancestral é o respeito acima de todos. E a igualdade é prevalente na ordem do cotidiano. Assim ensinam os ancestrais.

Várias são as mulheres evangélicas que, antes sem nenhuma habilidade para o enfrentamento do mundo, passaram a fazer o acarajé e a vender no comércio de rua da cidade de Santo Antônio de Jesus, promovendo o sustento de seus filhos. Sob o signo da igualdade, a identidade e estruturação psíquica de Mãe Nilza promove a circularidade do desenvolvimento autônomo de identidades, refletindo também nas políticas de identidade construídas (que se constroem) no entorno (pessoa) do terreiro e da comunidade: ou seja, coletividade. No singular está o plural e o inverso é também verdadeiro<sup>17</sup>.

O candomblé é tradição étnica civilizatória, porque surge no Brasil a partir dos registros mnêmicos das tradições da diáspora africana que não se perdeu no Atlântico.

A etnicidade dos Quilombos e os modos de gerenciar e presenciar a vida, estão intimamente ligados aos aspectos civilizatórios de Áfricas. Tanto o Quilombo como os Terreiros de Candomblé representam as imbricações da diáspora que recria os mundos que ela habita, transformando as realidades nas quais se encontra, possibilitando novas narrativas e novos diálogos com o mundo e com a vida.

As narrativas são oralidades que se inscrevem no psiquismo dos sujeitos, negros, indígenas e também brancos. Estão presentes no cotidiano de nossos tempos e com força na contemporaneidade. Na verdade, a força desta oralidade e seus registros se materializam em tempos cruciais da história humana. Nos movimentos contra o apartheid na África do Sul, nas lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos, os movimentos de libertação das colônias francesas, a marcha dos imigrantes africanos no mar Mediterrâneo em direção à Europa, as lutas quilombolas no Brasil, as revoltas na Bahia, as Irmandades Negras em todo o

---

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Psicologia, identidade e memória: comunidade terreiro Ylê Axé Yepanda Odé. In: quilombos, saúde mental, psicologias e outras visões. Cruz das Almas, EDUFRRB, 2019, p.155.

contexto nacional, o 20 de novembro, a constituição de 1988 e as decorrências das legislações no campo da educação - Lei 10.639/03 e 11645/09 – e da saúde – o SUS e a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, a lei de cotas nas universidades públicas federais, são exemplos de inscrições mnêmicas do trânsito e registro psíquico da diáspora negra. Estas inscrições são importantes elementos formativos para os profissionais de saúde, que necessitam conhecer estes requisitos formais da legislação brasileira os quais são frutos de lutas quilombolas desde sempre no território brasileiro. Estes avanços sociais precisam compor os currículos dos cursos de saúde e saúde mental, principalmente da psicologia.

Neste sentido é basilar observar que se o registro escrito ganha a força da lei, certo é que a legislação somente pode consolidar-se como registro escrito porque a oralidade negra e quilombola atravessou os tempos em seu clamor por desenvolvimento e igualdade. Em acesso e equidade, no campo social, da educação e da saúde.

O eixo civilizatório protagonizado pelas lutas e empreendimentos quilombolas ganharam força. Fizeram-se ouvir. E neste canto – reza, mantra e oração – favoreceu o registro formal, a partir da força transcendente e permanente da tradição oral. Se os pais e avós falecem, os filhos ouviram. E continuam a contar e a cantar o enredo pelos mesmos velhos e novos fios...

A oralidade e seu registro avançam transformando e transbordando fronteiras, a exemplo de como os movimentos históricos, psíquicos e sociais se impuseram no contexto do Brasil e das sociedades mundiais no decorrer do tempo e presença ativa da população negra, indígena e quilombola. Vozes insubmissas, sangues derramados, ações e trabalhos presentificados. Transformações fundamentais na ordem do mundo de Ulisses. Circe, a feiticeira negra e as sereias – rainhas africanas que determinam o trânsito das jornadas – estão atentas e sempre presentes na condução dos caminhos que possibilitam a vida em sua plenitude. Diferentemente de Ulisses, as sereias – rainhas negras africanas – exigem seu tributo: a honra a todos os seus filhos na igualdade da vida e do mar que é a casa de passagem de todos: negros, indígenas, brancos e amarelos.

Como as Mães de Santo – sacerdotisas negras transfiguração das sereias rainhas africanas – a memória e o registro das batalhas estão presentes e se

desenvolvem ao longo dos anos sem pausa e sem repouso.

As lutas dos quilombos preconizam estas transformações no contexto brasileiro, dos Estados Unidos e América Central, revelando que a diáspora negra e os povos indígenas nunca se curvaram ao ideal civilizatório europeu. Sempre foram capazes de se organizar em outras estruturas narrativas recriando seu tempo e seu espaço, a despeito das dores e violências que sofreram.

O preceito ancestral de Áfricas e dos quilombos rejeitam o acúmulo do capital em uma só mão. A divisão do bem deve contemplar a todos, porque a vida é dádiva que não nos pertence e, portanto, todos devem se irmanar na condição de repartir o que a natureza fornece a todos os que nela habitam.

A cosmovisão do indígena e do africano, e, portanto, dos quilombos não possibilitam a existência da periferização da vida, no surgimento de um racismo ambiental que nega o acesso a água potável, impede o acesso à habitação digna, impossibilita o cultivo e alimentação saudável e o acesso à educação, lazer e cultura enquanto práticas compartilhadas entre os povos pertencentes a humanidade.

No racismo ambiental temos a presença da segregação urbana e racial. E na sociologia urbana esta segregação é tratada apenas como uma luta de classes em torno do espaço e do ambiente construído. Porém, acreditamos em nossos estudos que a segregação urbana é produto de um racismo ambiental, o qual denominamos segregação racial. Observando o racismo ambiental e segregação racial na cidade de São Paulo compreende-se que a população branca é maioria nos espaços mais valorizados e ricos, enquanto a ocupação das periferias, subúrbios, morros e favelas é sobrerrepresentada pela população negra e pobre<sup>18</sup>.

Deste modo é efetiva a ideia de que espaço e raça estão vinculados aos problemas urbanos e da cidade e as pesquisas sobre cidades em sociologia urbana tendem a negar o olhar desta constatação empírica observada no mapa e cartografia de todas as cidades brasileiras e também do contexto das cidades mundiais.

Deste modo segregação urbana é necessariamente segregação racial ou

---

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Reinaldo José de. Territorialidade negra e segregação racial na cidade de São Paulo. A luta por cidadania no século XX. São Paulo: Alameda Editorial, 2016, p.109.

como queiram racismo ambiental, pois, conforme Oliveira <sup>19</sup>,

(...) no Brasil, a segregação não é oficial, mas é informalmente instituída com a naturalização das desigualdades raciais. Há indícios de que a população negra é segregada porque é marginalizada socialmente. A centralidade entre raça e espaço urbano que ocorre há um século é silenciada, invisível ou quando aparece ocupa um plano secundário.

A economia e organização dos Quilombos são uma contrapartida inversa a estruturação das sociedades mundiais e brasileira.

Sua economia e representação étnica, social e psíquica – aspectos de saúde, religiosidade, tradições, festas, danças, etc., se contrapõe a estrutura das cidades contemporâneas formais.

Eles, os Quilombos, rompem e propõem uma outra estrutura para a vida das pessoas. Proposição em que a segregação não pode ser concebida. Neste sentido, as lutas quilombolas representam mais do que um direito à propriedade da terra e habitação segura em seus modos de vida e existência. Sua cosmovisão é um rompimento com a ideia civilizatória do mito do ocidente do herói único.

As lutas quilombolas revelam a inscrição no território brasileiro de uma civilização negra africana e indígena em seus requisitos antro e ontológicos de surgimento, origem e fundamentos civilizacionais.

A saúde e saúde mental neste aspecto estão presentificadas nos próprios modos de existir destes povos, negros e indígenas. Ela se transmuta no cotidiano do respeito a existência em coesão com a natureza e o entorno, a harmonia e integração com as pessoas da comunidade, as trocas e os apoios sociais.

### **Quilombos: signos de saúde e saúde mental**

As parteiras, os griôts, as mães de santo, a presença dos pajés, das benzedeiras e rezadeiras observam as formas de cura, cuidados e intervenções em saúde, os conselhos às famílias, as trocas que fortalecem os vínculos e inscrevem os sujeitos de modo forte e emocionalmente bem posicionado, revelando bem

---

<sup>19</sup> Ibidem, p.?

estar emocional, resistência física e capacidade intelectual e cognitiva.

Nos quilombos as formas de entender o uso do espaço e a presença das pessoas no lugar, no território, é indicativo do modo de conceber saúde física e mental.

O bem estar de todos em sua base comunitária, a partir de requisitos materiais e imateriais – religiosidade, amizades, festas, tradições – nos ensinam o trato e intervenção em saúde. Estas formas e concepções tradicionais devem ser consideradas pelos profissionais de saúde, os quais deveriam ter acesso a estes conhecimentos a partir dos bancos universitários, pois contribuiriam para o desenvolvimento de práticas em saúde mais próximas das necessidades da população brasileira quilombola, negra e indígena.

Sob tal assertiva, do mesmo modo que os quilombos são desconhecidos enquanto movimentos de expansão e transformação da sociedade monárquica e colonial brasileira, dando origem as cidades nos estados do Brasil, a formação de profissionais de saúde também revela a invisibilidade das ações e modos de gerenciamentos da vida da população quilombola negra, indígena e de brancos pobres.

As transformações das cidades brasileiras deram-se a partir do povoamento pelos quilombos, que ultrapassaram os limites de suas fronteiras físicas. E geriram formas de vida, tradições, culturas, pensamentos e ações diante do mundo e da realidade objetiva.

No entanto, como na historiografia e sociologia urbana sobre cidades, a invisibilidade dos corpos negros, indígenas e quilombolas se reproduz nos modos de ensinar saúde e saúde mental nos bancos das universidades brasileiras, que são os locais por excelência responsáveis pelos profissionais que atuam neste campo.

A saúde é campo interdisciplinar e envolve interrelacionalidades com diferentes campos do conhecimento.

A noção de saúde no mundo, a partir da concepção da Organização Mundial de Saúde (OPAS) informa que saúde é um conceito amplo, atrelado as condições de vida no seu sentido amplo como acesso à educação, lazer, cultura, alimentação, habitação digna, trabalho entre outros aspectos gerais da qualidade de vida humana. Saúde não significa apenas a ausência de doenças, mas as condições de preservá-la e atingir a plenitude da condição humana em

seu sentido físico e psíquico.

Sendo assim, pensar a formação de profissionais de saúde e saúde mental para a sociedades contemporâneas é um desafio diante de um mundo em que as diferenças, alteridades e desigualdades são presentes no acesso as condições de bem estar humano pleno.

As grandes cidades do mundo são cheias de contradições e desigualdades urbanas, segregações e tensões. Nestes contextos, no Brasil, a noção de quilombo é importante aspecto a ser abordado, pois na legislação sobre Política Integral de Saúde da População Negra observa-se a prevalência epidemiológica de fatores em saúde.

A anemia falciforme e o desenvolvimento de seu protocolo em saúde, deve-se as lutas protagonizadas pelo movimento negro na saúde. A enfermeira Professora Doutora Berenice Kikuch elevou a condição de acesso a saúde a toda população brasileira a partir da "lei do teste do pezinho". Esta lei visa o protocolo de saúde em maternidades de todo o Brasil para a prevenção e tratamento precoce de doenças transmitidas hereditariamente, isto inclui desde deficiências mentais a nível sócio-cognitivo, bem como doenças congênitas como a síndrome de dow, entre outras.

A enfermeira, Doutora Berenice Kikuch, através das ações da Associação de Anemia Falciforme do Estado de São Paulo (AAFESP), conquistou em 06 de junho de 2001, há 19 anos, o protocolo em saúde para recém nascidos realizarem gratuitamente o "teste do pézinho", possibilitando aos pais orientação genética quando necessário diante as alterações de saúde de seus filhos e tratamento e intervenção precoce quando em caso da observação da doença<sup>20</sup>.

As lutas pela resistência quilombola no desenvolvimento de tecnologias nas cidades brasileiras incluem ações em saúde que são protagonizadas por mulheres negras, como a Doutora Berenice, que se elevam para toda a população brasileira, seja ela negra ou não. Observe-se que o "teste do pezinho" é um avanço estrutural no modelo de implementação de protocolos de saúde da população negra. Porém o desenvolvimento do protocolo, serve a todos os cidadãos brasileiros, negros ou não negros. Evidenciando que as lutas por igualdade da

---

<sup>20</sup> Kikuch, Berenice. Anemia Falciforme: técnica, espaço e tempo. In: Oliveira, R.M.S. Quilombos: saúde, psicologias e outras visões. Cruz das Almas, EDUFRB, 2019, p.119.

população negra, simbolizadas pela cosmovisão civilizatória dos quilombos, são mais efetivas que as conquistas medidas para públicos específicos.

A orientação genética ajuda aos pais e crianças que possuem o traço falciforme na saída da maternidade a organizarem sua vida futura, tendo a consciência de sua condição de saúde: crianças portadoras do traço falciforme poderão quando adultas escolherem se desejam ou não ter filhos com seus parceiros, conforme o mapeamento genético realizado no exame do pézinho. Por exemplo: uma criança com traço falciforme quando adulta pode se casar com outra criança com traço falciforme, isto significa que as chances deste casal ter um filho com anemia falciforme é alta. Isto possibilita melhor adequação as necessidades de saúde desta família, evitando situações ainda mais difíceis diante de um quadro de doença que produz extremo sofrimento físico e psíquico a seus portadores.

A questão da anemia falciforme é de extrema relevância nos protocolos de saúde no Brasil. Pois a população brasileira, conforme o último censo do IBGE, 2010, é de quase 51% negra.

Como considerar que os profissionais do campo da saúde e saúde mental – psicólogos e médicos do sudeste inclusive - em formação desconsiderem a existência da anemia falciforme como prevalente na população negra brasileira?

O movimento negro, favoreceu a criação e o protagonismo de um protocolo de saúde nacional. Isto revela seu alto nível organizacional nas lutas pela cidadania e pela saúde.

Neste sentido cabe considerar: as resistências quilombolas foram movimentos revolucionários que fundaram as cidades urbanas no Brasil

Do mesmo modo saúde e movimentos políticos e sociais andam de mãos dadas. Ou assim devem ser e constituir-se.

Os movimentos sanitaristas no Brasil, implicaram também a necessidade de aprimorar o desenvolvimento das cidades, com saneamento básico, acesso a rede de água e esgoto, coleta de lixo. As vacinas são produtos altamente tecnológicos em saúde que se originam das necessidades das populações diante do contexto do cotidiano, da vida emergente, e os povos quilombolas estão à frente destes processos de alternância revolucionaria que dialogam com a busca pela cidadania e pela vida, pelo direito e igualdade de transformar a cidade e habitar



com dignidade o território destes espaços.

Em termos de saúde mental, os profissionais de saúde do campo emocional como os psicólogos não possuem no currículo de suas graduações nenhum componente curricular que favoreça seu conhecimento sobre a importância dos quilombos e população negra no contexto da nação brasileira para a saúde de forma geral<sup>21</sup>.

Em pesquisas sobre componentes curriculares no curso de psicologia da universidade considerada a mais negra do país<sup>22</sup>, poucas foram as diferenças dos currículos organizados por instituições seculares na formação em saúde.

Apesar disto, avanços expressivos vêm ocorrendo, com a elaboração de políticas formais que considerem as ações da população negra e quilombola nos setores sociais e da saúde como importantes.

No entanto, nem mesmo as práticas em saúde que atualmente são emblemáticas no SUS como práticas complementares em saúde, dão conta de ilustrar a importante tarefa de conhecer e estudar a presença negra no Brasil através dos movimentos quilombolas e protagonismo da diáspora negra em nosso contexto de vida.

No campo da saúde mental, pesquisas pioneiras no campo acadêmico vem se desenvolvendo a partir de leituras que consideram populações negras, quilombolas e indígenas. É o caso do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise, Identidade, Negritude e Sociedade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que promove reuniões científicas ( considero que no contexto do campo psicológico, no tocante a população negra o adjetivo importante é fundamental, considerando que são inexistentes na academia, no campo psicológico formal, a abordagem da temática, pergunto/ qual a relevância e/ou necessidade de apagar este adjetivo no texto?dentro da temática para formação de profissionais da saúde mental como psicólogos, enfermeiros e médicos.

A primeira reunião internacional promovida pelo NEPPINS/UFRB tratou sobre

---

<sup>21</sup> OLIVEIRA, R.M. A formação do psicólogo nos contextos da diáspora africana. In: OLIVEIRA, R. J. & OLIVEIRA, R.M.S. (Orgs.) Dilemas da Raça, empoderamento e Resistência. Alameda Casa Editorial, São Paulo, 2017.

<sup>22</sup> OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. A formação do psicólogo nos contextos da diáspora africana. In: Regina Marques Oliveira (Org.) Dilemas da Raça: empoderamento e resistência. São Paulo: Editora Alameda, 2017, p. 145.

Territorialidade e Saúde: desigualdades sociais e raciais em contextos locais e globais. O encontro promoveu a abordagem de temas em saúde da população negra e quilombola e indígena do Brasil, França, Itália, Porto Rico, Países Africanos como Angola, Guiné Bissau, Moçambique, Mali, entre outros, e vários foram os avanços para a comunidade acadêmica. Pois pode ser observada a riqueza das cosmovisões diferenciadas sobre populações que em geral não estão presentes no espaço acadêmico e ocupam a periferia dos saberes e fazeres tecno científicos.

O segundo encontro científico internacional ocorreu em 2019 sob o tema Saúde Mental da População Negra e Educação Superior – visando observar as repercussões das produções científicas em saúde e populações negras, indígenas e quilombolas no contexto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia através do NEPPINS e parceiros de universidades públicas do estado da Bahia (UNEB e UNILAB), Rio de Janeiro (UFF) e Mato Grosso (UNEMAT). Neste encontro, além da presença destas importantes instituições de pesquisa e educação com contingente populacional negro, indígena e quilombola muito expressivo, esteve presente a representante da Organização Pan Americana de Saúde, Catarina Dhal<sup>23</sup>, que observou a circunstância do adoecimento mental de jovens negros com alta prevalência para o suicídio, depressão, ansiedade e automutilação. Os índices revelam que a população negra, indígena e também quilombola está extremamente adoecida de sofrimento psíquico grave.

A ciência revela que os corpos não brancos adoecem mais mentalmente. E as referências de conhecimentos trazidas pelos povos indígenas, negros e quilombolas presentes nos debates do encontro científico que a violência e a barbárie historicamente branca e ocidentalizada é o maior fator de risco dos jovens negros, quilombolas e indígenas nos territórios do mundo.

A psicologia vem avolumando-se na capacidade de produzir manejos e intervenções junto ao público infantil e jovem na formação em saúde mental<sup>24</sup>. Também há dispositivos no cenário brasileiro que avançam para discussões

---

<sup>23</sup> Psicóloga e Pesquisadora em Saúde Mental da Organização Mundial de Saúde. Conferência proferida em 9 de julho de 2019 no 2. Congresso Internacional Saúde Mental da População Negra do NEPPINS/UFRB. Dados relatados na conferência.

<sup>24</sup> Observe-se as produções sobre crianças e adolescentes negros de Regina Marques de Souza Oliveira a partir do ano de 2003.

específicas de formação do campo da saúde e saúde mental que até a década de oitenta eram quase inconcebíveis. De todo modo, após quase um século<sup>25</sup>, o diálogo entre saúde mental e população negra e quilombola tem sido emergente apesar de ainda restrito. O NEPPINS<sup>26</sup>/UFRB, tem sido uma referência importante no contexto nacional para as pesquisas em saúde mental e formação do psicólogo. Ainda não com o potencial que possui e a necessidade que lhe é devida. Mas ao menos com a possibilidade de presença nestes espaços acadêmicos.

O racismo ambiental segrega e cala as vozes de cientistas negros ou de uma ciência que se preocupa com os corpos negros. O racismo ambiental descredencia as universidades instaladas em periferias territoriais de cidades, estados, países. Porém a pedagogia dos quilombos nos ensina que é preciso voltar pra trás para crescer e viver. É preciso reverenciar o ancestral. O genocídio do Povo Preto e do Povo Indígena nos mostra muita insensatez, pois todos perdem com cada morte desses Povos Ancestrais que estabeleceram contato com as forças da natureza em busca da harmonia que nutre a vida e de onde vem a cura<sup>27</sup>.

O racismo ambiental atravessa a academia e a ciência, embora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, através do NEPPINS, muitos pesquisadores do país<sup>28</sup> tem se dirigido para orientação de pesquisas sobre saúde mental e formação em saúde, tendo por referência as populações negras, quilombolas e indígenas. No descentramento do território de produção científica e tecnológica em saúde, outras vozes e protagonismos estão sendo fundamentais

---

<sup>25</sup> Estamos considerando a abordagem em Saúde Mental e População Negra a partir do estudo inaugural de Virginia Leone Bicudo, socióloga e psicanalista, fez parte do Projeto UNESCO. Ela realizou a primeira pesquisa no Brasil sobre Atitudes Raciais de pretos e mulatos em São Paulo em 1945, focalizando o fenômeno em sua dimensão subjetiva e social.

<sup>26</sup> O NEPPINS/UFRB é o núcleo de estudos e pesquisas em psicanálise, identidade, negritude e sociedade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, fundado em 2009, o núcleo consolidou-se em estudos sobre saúde mental da população negra a partir das recomendações de Kabengele Munanga, conforme diálogos com o expoente psicólogo Antônio da Costa Ciampa, mentores que fomentaram o trabalho da psicanalista negra e psicóloga Profa. Dra. Regina Marques de Souza Oliveira.

<sup>27</sup> LOPES, Talita Jeane Gonçalves. Ancestralidade em tempos de pandemia: valorização da vida dos povos indígenas e povo preto frente ao Covid-19. Texto submetido ao Edital Comissão Covid-19, UFRB/Centro de Ciências da Saúde em 10.05.2020, a ser publicado em e-book pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

<sup>28</sup> Professores das Universidades Unemat – Universidade do Estado do Mato Grosso, UFBA- Universidade Federal da Bahia e UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo se dirigiram no ano de 2019 e 2020 para orientação de pesquisas de pós doutorado em Saúde Mental e População Negra junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Identidade, Negritude e Sociedade/NEPPINS/UFRB. As vozes dos quilombos se fazem ouvir em territórios distintos das proximidades do “quilombo”. Tal a fertilidade e necessidade das transformações que emergem

para os avanços do campo formativo profissional.

## **Conclusão**

Racismo ambiental e quilombos são movimentos oposicionistas. Os quilombos originários do território do país na contemporaneidade espalharam-se nas cidades do Brasil e do mundo. Fundando novas (velhas e milenares) perspectivas civilizatórias. O racismo ambiental invalida os créditos dos quilombos para o bem estar da vida em sociedade.

As periferias são a alteridade do quilombo, que na tentativa de genocídio e extermínio, por parte das ações dos privilégios brancos, deslocaram-se para outro formato no contexto das cidades. Os quilombos rurais e urbanos, as periferias e favelas, são territórios segregados, ausentes de cidadania. Porém, eles subvertem a lógica da existência. Porque com tudo que teriam para serem extirpados, continuam vivos e capazes de mesmo nas dificuldades transcenderem as necessidades da existência. Formulando políticas de enfrentamento e resistências na vida das pessoas em busca de plenitude de vida: a lei 10.639/03, 11/645/08, o estatuto da igualdade racial, a lei de cotas nas universidades públicas, a política nacional de saúde integral da população negra, as novas disposições em saúde e assistência social como os avanços do SUS e do SUAS na constituição de 1988 são representações importantes das vitórias e resistências dos quilombos e população preta. Hoje há um retrocesso perigoso que se apresenta no Estado Brasileiro. Mas o Povo Preto, Quilombola e Indígena sempre lutou e conquistou direitos para todos. E assim continuaremos.

Os quilombos sempre falaram. E hoje encontram uma mínima escuta.

Podemos e devemos aprender com eles. Superando, a partir da ciência, o racismo ambiental. Podemos e devemos dialogar com eles, sobre saúde e saúde mental, pois a vida hoje emerge de sofrimento físico, mas principalmente psíquico, conforme as estatísticas de adoecimento mental grave, ansiedades, depressão e suicídios.

Nossos ancestrais quilombolas nos ensinam muitas coisas e as ciências da saúde e saúde mental devem aprender com os Povos Quilombolas, Povos Indígenas e Povo Preto. Nossos ancestrais são mediadores de fluxos de pensamentos que são conhecimentos de luz que buscam e constroem respostas

em comunidade e em prol da comunidade. Isso é cura de adoecimentos que foram forjados<sup>29</sup>.

A Humanidade, toda ela, negra ou não, não suporta mais a barbárie. A vida não pode e não deve pertencer a apenas poucas mãos. O Aldeamento e o Aquilombamento são o poder compartilhado e, portanto, serve à Natureza, ao diálogo, à vida e à saúde. E por extensão ocorre a cura e a perpetuação da existência<sup>30</sup>. Se pudermos voltar, todos (e os brancos principalmente) e reverenciar estes Povos, Pretos, Quilombolas e Indígenas, poderemos partilhar a colheita da boa qualidade de vida, saúde e bem estar para Todos os Povos do Planeta Terra.

### Referências Bibliográficas

BBC News – 29/05/2018 – A 'Disneylândia' de Saddam – como ditadores exploram ruínas históricas. <https://www.bbc.com/news>. Acesso em 20/05/2020.

Jornal Metro 1 – Política - Bolsonaro critica gasto federal com indígenas e diz que quilombolas 'não fazem nada'. Em 05 de abril de 2017. <https://www.metro1.com.br/> Acesso em 23/05/2020.

KIKUCH, Berenice. Anemia Falciforme. In: Oliveira, Regina M.S.(Org.) Quilombos: saúde, psicologias e outras visões. Cruz das Almas, EDUFRB, 2019.

LOPES, Talita Jeane Gonçalves. Ancestralidade em tempos de pandemia: valorização da vida dos povos indígenas e povo preto frente ao Covid-19 (no prelo). Texto submetido pelo NEPPINS/UFRB ao Edital Comissão Covid-19, UFRB/Centro de Ciências da Saúde em 10.05.2020, a ser publicado em e-book pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia sob responsabilidade da gestão de extensão Profa. Dra. Denize Ribeiro.

MOURA, Clovis. Os quilombos e a rebelião negra. São Paulo, Brasiliense, 1987.

O Globo – 07/06/2019 – Processo é encerrado e Bolsonaro é absolvido em acusação de discriminar quilombolas. <https://oglobo.globo.com/> Acesso em 25/05/2020.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Territorialidade Negra e segregação racial na cidade de São Paulo: a luta por cidadania no século XX. São Paulo, Editora Alameda, 2016.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. A Cidade e o Negro no Brasil: Cidadania e Território. São Paulo, Editora Alameda, 2013.

---

<sup>29</sup> LOPES, Talita Jeane Gonçalves. Ancestralidade em tempos de pandemia: valorização da vida dos povos indígenas e povo preto frente ao Covid-19. Texto submetido ao Edital Comissão Covid-19, UFRB/Centro de Ciências da Saúde em 10.05.2020, a ser publicado em e-book pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

<sup>30</sup> Ibidem.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Novos e antigos cenários da segregação e das desigualdades da população negra em São Paulo. Jundiá, Paco Editorial, 2018.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra no Brasil: diálogos e pesquisas. Cruz das Almas, EDUFRB, 2016.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Dilemas da raça: empoderamento e resistência. São Paulo, Alameda, 2017.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Psicologia, Identidade e Memória: comunidade e terreiro Ylê Axé Yeponda Odé. In: Oliveira, R.M.S.(Org.) Quilombos: saúde, psicologias e outras visões. Cruz das Almas, EDUFRB, 2019.

**Regina Marques de Souza Oliveira:** Pos-Doutorado em Psicologia (Desenvolveu a pesquisa Violência e Território: Saúde Mental da População Negra no Brasil e da Diáspora Africana, Financiamento CAPES, 2016) no Instituto dos Mundos Africanos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais em Paris/França. Doutora em Psicologia Social, Psicanalista, professora da UFRB no Centro de Ciências da Saúde e no Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade na UESB-Jequié.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Artigo recebido para publicação em:** 12 de junho de 2020.

**Artigo aprovado para publicação em:** 03 de novembro de 2020.